

# SAHARA OCIDENTAL: DA GUERRA EM TEMPO DE GUERRA

**Os olhos do mundo estão virados para o regresso à guerra na Europa. E com isso “esquecemo-nos” dos conflitos à nossa porta que já se arrastam há quase meio século e que as Nações Unidas já poderiam ter resolvido há muito, se quisessem.**

No início de Fevereiro fomos surpreendidos pelas declarações do porta-voz das Nações Unidas, Farhan Haq, que ao ser questionado pelos jornalistas na conferência de imprensa diária afirmou ignorar a existência de guerra no Sahara Ocidental e que a MINURSO não tem recebido informações sobre a violação dos direitos humanos por parte das autoridades de ocupação marroquinas. «No que diz respeito à guerra e aos ataques contra civis saharauis, o ponto básico é que a MINURSO relata tudo o que constitui uma violação dentro da sua área de operações (...). Recebemos detalhes quando isso acontece», declarou. No entanto, o Conselho de Segurança, na sua resolução 2602 (2021) adoptada a 29 de Outubro de 2021,



Fig. 1: «Guerra do povo à guerra colonial!»

tinha registado «com profunda preocupação a ruptura do cessar-fogo» ocorrida em Novembro de 2020.

Não surpreende que Mah Iahdih Nan, jornalista saharauí, tenha **escrito**: «A MINURSO, uma missão que tem sido subjugada e manietada pela oligarquia marroquina nos últimos 30 anos, sem margem de manobra para levar a cabo uma missão neutral e responsável em linha com os objectivos para as quais foi criada e, sobretudo, em linha com o papel da organização internacional que representa.»

Mas a “ignorância” não impede a continuação da guerra. Como informa a Frente POLISARIO nos comunicados militares que publica diariamente dando conta das suas acções e reacções por parte do inimigo, e das perdas por parte da população. E como informam as redes sociais, que começam a expor o mal-estar que está a germinar no meio militar marroquino, particularmente entre as forças que garantem a segurança do muro defensivo e que se tornaram o alvo privilegiado do exército saharauí. «Para a oligarquia marroquina», escreve Mah Iahdih Nan, «perder num dia cem soldados e a destruição de um grande arsenal não significa nada; ninguém se lembrará daqueles infelizes soldados que perecem todos os dias no muro da vergonha. Em Marrocos, os indivíduos são apenas números sem valor, utilizados como carne para canhão, para a guerra ou para a pressão migratória ou para qualquer tipo de chantagem que sirva os interesses dos oligarcas feudais. (...).»

Um exemplo deste estado de espírito nas Forças Armadas de Marrocos é dado por Abdelaziz Abdi, escritor marroquino recentemente libertado, que **publicou** na sua página no Fb:

«A seca, a COVID-19 e o contexto global não são as únicas dificuldades de Marrocos; há também a guerra no Sahara. O custo do conflito tem sido sempre um obstáculo aos esforços de desenvolvimento de Marrocos e o fim do cessar-fogo aumentou o volume das despesas militares.

«A guerra de desgaste travada pela POLISARIO é dispendiosa e os ignorantes que acreditam que eles, a POLISARIO, são loucos que fazem discursos inócuos, perdem credibilidade junto dos seus aliados.

«A minha principal preocupação na prisão era fugir à vigilância dos guardas e tentar contactar os militares detidos trazidos da frente de batalha por deserção ou rebelião, bem como outros casos envolvendo pessoal militar...

«Todos eles... afirmam que há guerra e, além disso, são processados ao abrigo da lei penal militar relativa a operações militares, ou seja, por guerra...»

A guerra regressou, portanto, ao conflito do Sahara Ocidental em 13 de Novembro de 2020 sem que tal ruptura tenha provocado qualquer sobressalto ou incómodo na arena internacional, como bem o evidenciou o porta-voz das Nações Unidas. Num momento em que os olhos do mundo estão virados para os trágicos acontecimentos que se desenrolam na Ucrânia, a escritora Carmen Camacho partilhou connosco uma **reflexão** — com o sugestivo título «Ucrânia 1, Sahara Ocidental 0» — sobre esta diferença de olhares, de que seleccionámos alguns trechos:

«(...) imaginemos novamente que um país ataca ou pretende atacar a territorialidade, a autonomia e os direitos humanos de outro povo. Será que os Estados Unidos ameaçariam com duras sanções, ou reconheceriam unilateralmente a soberania do invasor sobre o território invadido? Mais uma vez, dependerá de que parte do mundo estamos a falar. Quanto tempo levaria a comunidade internacional a reagir para restabelecer a ordem na região e impor a vontade democrática do povo subjogado? Talvez dias... ou talvez quase meio século. Toleraríamos que o Chefe de Estado reforçasse "fortes laços de amizade" com aqueles que condenam ao exílio uma comunidade que sentimos ser nossa irmã, porque é nossa irmã? Toleraríamos que o invasor exigisse uma posição clara a seu favor? Os Estados Unidos engoliriam que Putin vai implementar uma "agenda de reformas" e promover os direitos humanos e as liberdades fundamentais na Ucrânia? Bem, Mohammed VI vendeu-lhes essa promessa sobre o Sahara Ocidental e a administração Biden comprou-a. Os EUA afirmam que o plano de autonomia apresentado por Marrocos para a antiga colónia espanhola é "sério, credível e realista", e que vai certamente ao encontro das aspirações dos saharauis. Seria motivo de riso, se não fosse um motivo de choro.

«Aqueles que querem censurar-me porque os casos ucraniano e saharauí não são os mesmos, podem fazê-lo. As diferenças entre os dois conflitos são a favor dos meus argumentos, incluindo o facto de os saharauis serem um povo em terra de ninguém, sem um Estado universalmente reconhecido. Sempre foi inaceitável que os Estados Unidos se apresentem nos conflitos em nome da liberdade quando a sua agenda oculta é bastante diferente. É intolerável que a Espanha e, em seu nome, o presidente espanhol em exercício, esteja a dois telejornais a colocar navios e caças a apontar para Moscovo, enquanto no caso do Sahara Ocidental tenhamos partido o pescoço por olhar para o outro lado. Não proponho, obviamente, desembarcar tanques em El Aaiún, nem mostrar os dentes aos nossos vizinhos, mas impulsionar, nem que seja por vergonha patriótica, a pressão diplomática da comunidade internacional para que o povo saharauí possa resolver a sua situação de uma vez por todas,

regressar à sua terra por direito próprio e escolher o seu destino, que nunca chega. Face à questão saharai, não podemos continuar a ensombrar os nossos rostos com a vergonha de pensar que não fomos fiéis àqueles que eram nossos compatriotas, que falam a nossa língua porque é também a deles, e que partilham a nossa história, memória e raízes. Rabat avisa-nos que não há lugar para "posições vagas ou ambivalentes" sobre o Sahara Ocidental. Têm razão: nem a Espanha nem a comunidade internacional dizem com suficiente clareza que a solução aceitável não é de forma alguma impor a soberania marroquina.

«Os conflitos que se tornam crónicos envenenam-se até à perversão e apenas realçam a hipocrisia internacional e o abandono de certos povos e partes do mundo. (...).

«Pergunto-me se o novo Enviado Especial da ONU para o Sahara Ocidental, Staffan de Mistura, planeia resolver o mesmo que resolveram os seus quatro antecessores: nada. Ou ainda pior, pois a sorte parece já ter sido lançada, uma vez que Trump reconheceu a soberania marroquina em troca do pleno estabelecimento de relações diplomáticas de Marrocos com Israel. Onde está a Espanha — com pressão diplomática, com uma presença institucional nos campos de refugiados, com uma atitude pró-activa na diplomacia... — a defender um povo que sentimos ser nosso irmão? Pedro Sánchez já falou com Staffan de Mistura para lhe dizer da nossa firme posição de defesa dos direitos humanos e civis do povo saharai, e de promoção da preparação do referendo em conformidade com o que foi aprovado na altura pelo Conselho de Segurança das Nações Unidas? Suspeito que não: estamos demasiado ocupados a gesticular na Ucrânia.»